



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12646 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

**ENTRE O ALFABETIZAR E O POLITIZAR, A INSERÇÃO FEMININA:** a cartilha de alfabetização do Movimento de Cultura Popular e suas autoras Norma Porto e Josina Godoy Alessandra Maria dos Santos - PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE

**ENTRE O ALFABETIZAR E O POLITIZAR, A INSERÇÃO FEMININA:** a cartilha de alfabetização do Movimento de Cultura Popular e suas autoras Norma Porto e Josina Godoy

## 1 INTRODUÇÃO

A cartilha foi importante instrumento pedagógico na alfabetização, sobretudo de crianças, por apresentar ao educando as primeiras letras, sílabas e palavras. Nas bases históricas da metodologia de alfabetização, esse material didático ganhou destaque por orientar tanto aos iniciantes no processo de apreensão das primeiras letras, como direcionar os docentes no processo de ensino. Assim, as cartas de ABC - referência às cartilhas - foram consideradas métodos eficientes, ante a celeridade na aprendizagem.

Contudo, no início da década de 1960, críticas às diretividades propostas pela cartilha começaram a ser esboçadas. Paulo Freire (1980 apud BEISIEGEL,1992, p. 208), por exemplo, defendeu “textos de suportes”, mas não a cartilha, tida como domesticadora da aprendizagem. Todavia, mesmo com desaprovações esboçadas, duas mulheres tiveram seus nomes inscritos nos anais da historiografia da educação justamente pela elaboração deste material didático. As mulheres: Norma Loureiro Porto Carreiro de Vasconcelos Coelho e Josina Maria Albuquerque Lopes de Godoy. A cartilha: “Livro De Leitura Para Adultos”, produzido para subsidiar o processo de alfabetização das escolas radiofônicas do Movimento de Cultura Popular (MCP).

A produção do material didático elaborado no MCP inovou o modo de alfabetizar ao propor um “livro de leitura” especificamente para adultos, distanciando-se dos tradicionais recursos de alfabetização de crianças e que foram adotadas, inicialmente, no MCP como suporte às escolas radiofônicas. Cartilhas como “Upa, Upa, cavalinho”, produzidas por

Lourenço Filho, e “Radiocartilha”, elaborada pelo Sistema Radioeducativo Nacional (SIRENA).

Cabe destacar que os registros – periódicos e produções acadêmicas – ao se referirem à cartilha do MCP ressaltam sua importância por representar aspectos da politização no processo de alfabetização, servir de inspiração a outras ações educativas como Movimento de Educação de Base (MEB), Campanha de Pé no Chão Também Se Aprende a Ler, Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE), mas também por evidenciar, no método eclético, a realidade dos educandos. Mocambos e alagados foram retratados nas lições.

Todavia, o que se sabe das mulheres que produziram esse expressivo material de alfabetização de adultos? Quais experiências formativas Norma Porto e Josina Godoy vivenciaram que as possibilitaram produzir uma cartilha que ganhou notoriedade nas páginas de jornal e entre intelectuais como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro?

Sob tais questionamentos emerge o objetivo, neste texto, de analisar aspectos formativos de Josina Godoy e Norma Porto Carreiro, por meio do método biográfico (FERRAROTTI, 1991), o qual visa compreender como os contextos sociais são intermediados pelos indivíduos. Sendo assim, ao se analisar as trajetórias formativas de duas mulheres que contribuíram com a História da Educação ao produzirem recurso de alfabetização pioneiro quanto à vinculação do alfabetizar e politizar, é possível por em destaques suas ações, mas também compreender o social e as condições coletivas nas quais atuaram. As experiências de sujeitos sociais (mulheres) inseridos numa dada coletividade possibilitou a produção de aporte pedagógico.

Além disso, confere-se destaque tanto à presença feminina na historiografia educacional (PERROT, 2005, 2007), ao expor que mesmo na História da Educação há espaço para incluir a História das mulheres. Para empreender a análise ora proposta, o trabalho apresentado contou com fontes históricas documentais como o “Livro De Leitura Para Adultos”, periódicos e relatórios do MCP. Como a pesquisa não se restringe à análise do material didático, pois objetiva inserir as autoras da cartilha, as fontes orais, sob o aporte da metodologia da história oral, e produções bibliográficas auxiliaram no intuito de conhecer e evidenciar quem foram as mulheres que a construíram.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Norma Porto Carreiro Coelho nasceu, em Recife-PE, no dia 2 de setembro de 1930. Foi uma dos dez filhos do casal Júlio Carlos Porto Carreiro, médico, e Romilda Loureiro Porto Carreiro, dona de casa. Intensamente estimulada por seus pais, desde a tenra infância, a apreciar a leitura e dedicar-se aos estudos, demonstrou-se boa aluna no Colégio Vera Cruz. Instituição privada e confessional, localizada em Recife, onde cursou o ensino secundário e

ginasial. Ao término do ginásio seguiu prontamente para Faculdade de Direito do Recife (FDR). Neste espaço, ao cursar Direito, conheceu seu esposo Germano Coelho e do enlace tiveram três filhos.

Logo após o casamento interrompeu por cerca de três anos a graduação, pois viajou para Europa a fim de acompanhar seu esposo que recebeu bolsa de pós-graduação para estudar em Paris. Assim, no mesmo dia do matrimônio, os jovens e recém-casados embarcaram de navio rumo à França.

Enquanto Germano realizava seus estudos de pós-graduação, Norma matriculou-se em cursos da área pedagógica, em Sourbonne, Paris. Além dos estudos, no exterior, tiveram o privilégio de conhecer o movimento francês *Peuple et Culture* (Povo e Cultura), que serviu de inspiração ao MCP, mas também personalidades como Joffre Dumazedier (1915-2005), membro desse movimento e criador do “Método de Treinamento Mental”, e Célestin Freinet (1896-1966), fundador de escola popular na França com metodologias inovadoras. E passaram, inclusive, três meses no *Kibutz*, em Israel (COELHO, 2012).

Ao retornarem ao Brasil, Norma concluiu sua graduação e aproveitou as experiências vivenciadas nos continentes europeu e asiático, para somar sugestões para criação de Universidade Popular, em Recife, que buscou unir elementos da valorização artística popular (teatro, música, artes plásticas) com a educação. Assim, na fundação do MCP, Germano Coelho assumiu a presidência do movimento e Norma Porto Carreiro, pela experiência adquirida na viagem à Europa, ficou responsável por coordenar as escolas radiofônicas. É por intermédio dessa função que conheceu Josina Godoy.

Josina Lopes de Godoy é natural de Acaraú, cidade do Ceará. Nasceu no dia 16 de setembro de 1929. Devido ao falecimento precoce de seu pai, quando tinha apenas dois anos de idade, mudou-se com sua família – mãe e irmão - para a cidade do Rio de Janeiro.

O ingresso na escolarização formal foi num colégio de freiras – o *Sacré-Coeur de Marie* – atualmente denominado Colégio Sagrado Coração de Maria. A matrícula nessa instituição educacional deveu-se pela influência da prima de sua mãe, pois o ensino da língua francesa, tida como refinada, dava-se concomitante ao ensino das primeiras letras da língua materna. Nessa instituição confessional, estudou em curta temporada, porque logo foi transferida para escola pública de ensino primário. Por ser considerada de melhor qualidade - e propagadora dos ideais de Getúlio Vargas - a instituição pública primária concedeu preparo fundamental ao exame admissional.

De modo que após a aprovação, ingressou no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Os sete anos de estudos nessa instituição, divididos entre secundário e ginasial, foram voltados à formação ao magistério. Por estudar num instituto de educação, o qual se distinguia do curso e escola normal por oportunizar “ensino de especialização do magistério e de habilitação para administradores escolares do grau primário”, conforme Lei nº 8.530/1946, Josina Godoy concluiu sua formação de normalista de maneira ampla e foi sem demora

encaminhada para assumir cadeira do magistério. Passou a dar aulas para os filhos de operários da fábrica têxtil em Bangu, no Rio de Janeiro.

Nesse ínterim, ao frequentar o Clube Militar do Rio de Janeiro, conheceu o capitão de fragata, Thales Fleury Godoy. No clube, Josina além de frequentar os bailes dançantes, contribuiu na organização da revista, por intermédio da qual intensificou o interesse em prosseguir com a formação pedagógica. Por isso, matriculou-se no curso de desenho na Escola de Belas Artes no Rio, chegando até mesmo trabalhar no curso de formação de normalistas, no Instituto de Educação, na disciplina de metodologia do desenho. As habilidades gráficas, incentivadas ainda na escola primária, foram aprimoradas na vida adulta, por isso, decidiu estudar desenho não apenas no nível técnico, mas a nível superior, voltado à formação professoral.

Todavia, assim como foi para Norma Porto, o casamento mudou de certeza maneira o tom e o ritmo da vida. Além do exercício da maternidade com os dois filhos, teve que acompanhar seu esposo nas frequentes transferências a outras cidades. Foi justamente na transferência para a Marinha de Recife que Josina vislumbrou a possibilidade de trabalho. De maneira amistosa sua ex-professora intermediou contato com Anísio Teixeira que a encaminhou para trabalhar no Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE) de Recife. No Centro, desenvolveu trabalhos burocráticos na instituição coordenada por Gilberto Freyre. Contudo, ante a necessidade de profissionais que pudessem contribuir com o MCP, Josina Godoy foi cedida ao movimento, porém seus honorários continuaram a ser pagos pelo CRPE, para atuar no setor educacional.

No MCP, a necessidade de ter uma cartilha que pudesse subsidiar as aulas radiofônicas partiu da análise de Germano Coelho, Maria Antonia MacDowell e Maria José Baltar ao analisarem os materiais didáticos adotados pelo MCP. Além da infantilização, os termos impressos não dialogavam com a realidade dos recifenses. Assim, Josina Godoy juntamente com Norma Porto examinaram cartilhas produzidas pela Unesco (BARBOSA, 2009). Cabe ressaltar que, em 1960, a Unesco organizou a II Conferência Internacional de Educação de Adultos em Montreal - Canadá. A primeira ocorrera, em 1949, Elsinore – Dinamarca (IRELAND; SPEZIA, 2012).

Tendo em vista Germano Coelho ter viajado para Cuba, em 1961, aproveitou a oportunidade e trouxe para Recife os recursos didáticos elaborados para a campanha nacional de alfabetização: a cartilha de alfabetização *¡Venceremos!* e o manual para alfabetizadores cubanos *Alfabeticemos*. Pela aproximação aos interesses do MCP, quanto à objetividade, e proposta político-pedagógica explícita, esse material didático serviu de inspiração para que Norma Porto e Josina Godoy pudessem criar o “Livro de Leitura Para Adultos”.

### **3 RESULTADOS DA PESQUISA**

A “cartilha do MCP”, como ficou popularmente reconhecido o “Livro De Leitura Para

Adultos”, infere autoria ao movimento, realizado de maneira coletiva. A contração da preposição “de” com o artigo “o” dá ideia que a cartilha é “do” MCP, expressando o pertencimento, mas também elaboração por um conjunto de pessoas que trabalharam a muitas mãos na produção do relevante material pedagógico.

Todavia, a produção teve como autoras mulheres que engajadas em movimento social e com experiências adquiridas em instituições formais de educação, mas também em redes de sociabilidades, oportunizaram-nas pesquisar, esboçar e produzir relevante material didático que se expandiu a outros movimentos educacionais populares.

De modo que ressaltar quem foram as autoras e as experiências formativas que as conduziram à elaboração do “Livro de Leitura” compreende evidenciar as subjetividades dos indivíduos nos processos históricos. A exemplo disso, quando optaram pela denominação “Livro De Leitura Para Adultos”, pois demarcou distinções metodológicas da cartilha. De acordo com Francisca Maciel (2012, p. 149) “o significado de cartilha é restrito ao ensinar e/ou aprender a ler, os conhecimentos linguísticos e textuais são vistos como agregados e/ou pós-aprendizagem da leitura”, já o livro de leitura seria “indicado como um material didático básico para iniciar o aluno na aprendizagem da leitura” (MACIEL, 2012, p. 157).

E foi pelo caráter de distinguir-se das tradicionais cartilhas da época que o “Livro De Leitura Para Adultos” recebeu enaltecimentos de Anísio Teixeira, escritor, educador e diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), além de ser responsável pela criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e dos Centros Regionais localizados em como São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco e reiterou

Confesso haver lido essa cartilha com inesperado entusiasmo. As privações, as esperanças e os direitos do brasileiro tecem e entrelaçam frases lineares e singelas, e fazem do aprender a ler uma introdução e ao orgulho de viver. [...] Por tudo isto é que considero essa cartilha a melhor cartilha para adultos analfabetos que, até agora, conheci no Brasil. (TEIXEIRA, 1962 apud GODOY; COELHO, 1962).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sobressair aspectos da trajetória formativa das produtoras do material didático “Livro De Leitura Para Adultos” passa ao largo do intuito de enaltecê-las, constituindo, desse modo, uma historiografia por intermédio de biografias de destaque, conforme apregoou a História Política.

No entanto, destacar Norma Porto Carreiro e Josina Godoy é inserir na discussão da historiografia educacional indivíduos que participaram e produziram a História da Educação e aludir a inserção feminina em práticas que não se restringiram ao exercício do magistério primário. O sujeito social que vivenciou ou vivencia os tempos e espaços, adversidades e conquistas, consolida experiências que demarcam, conforme Thompson (1981), o atuar no

meio social. Assim, ao se analisar aspectos formativos das mulheres revelam-nos modos como a educação foi apreendida e ressignificada em experiências percebidas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Letícia Rameh. **Movimento de cultura popular: impactos na sociedade pernambucana**. Recife: Bagaço, 2009.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e educação popular: (a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil)**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1992.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método didático. **Sociologia: problemas e práticas**, n. 9, 1991. p. 171-177. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1239>. Acesso em: 26 ago. 2022.

GODOY, Josina, M. L.; COELHO, Norma P. C. C. **Livro de leitura de adultos**. Rio de Janeiro: Companhia Gráfica Lux, 1962.

IRELAND, Timothy Denis; SPEZIA, Carlos Humberto (Orgs.). **Educação de adultos em retrospectiva: 60 anos de CONFINTEA**. Brasília: UNESCO, MEC, 2012.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **As cartilhas e a história da alfabetização do Brasil: alguns apontamentos**. História da Educação, ASPHE/ FaE/UFPel, Pelotas, 147-168 -, abr. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30604/pdf>. Acesso em: 08 set. 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. Escrever a história das mulheres. In: PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007. p. 13-39.

THOMPSON, Edward P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.